

# O SANGUE *do* CORDEIRO



SAM CABOT





## O ARQUEIRO

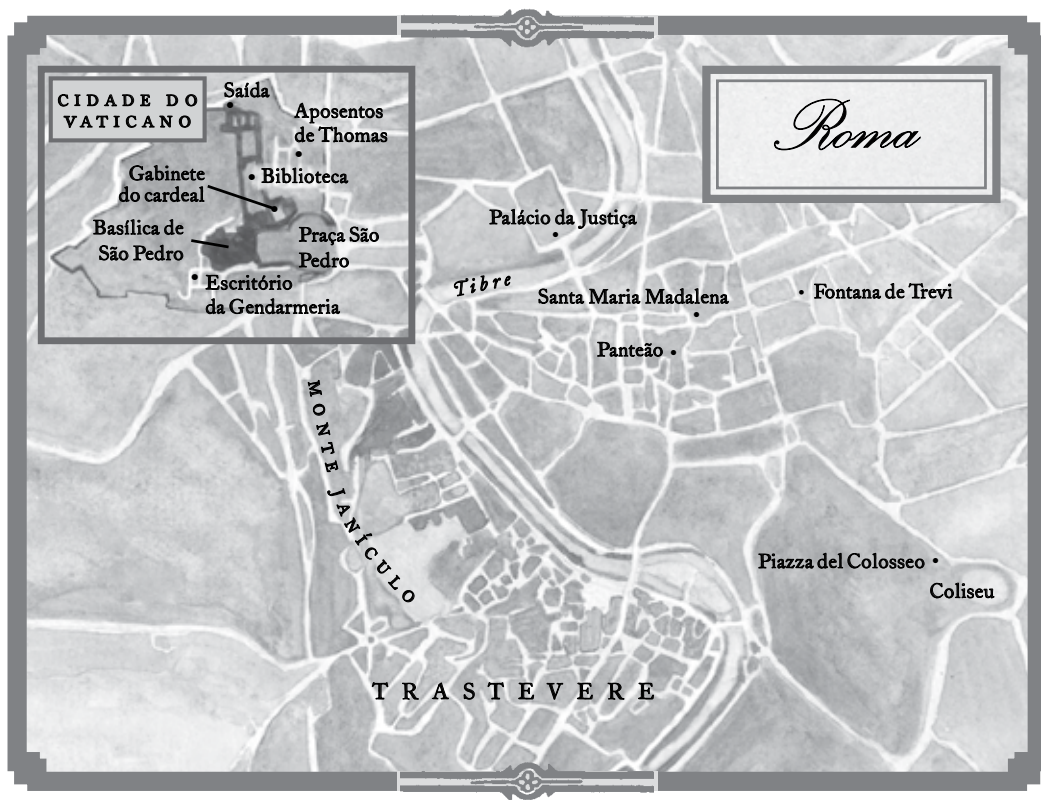
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

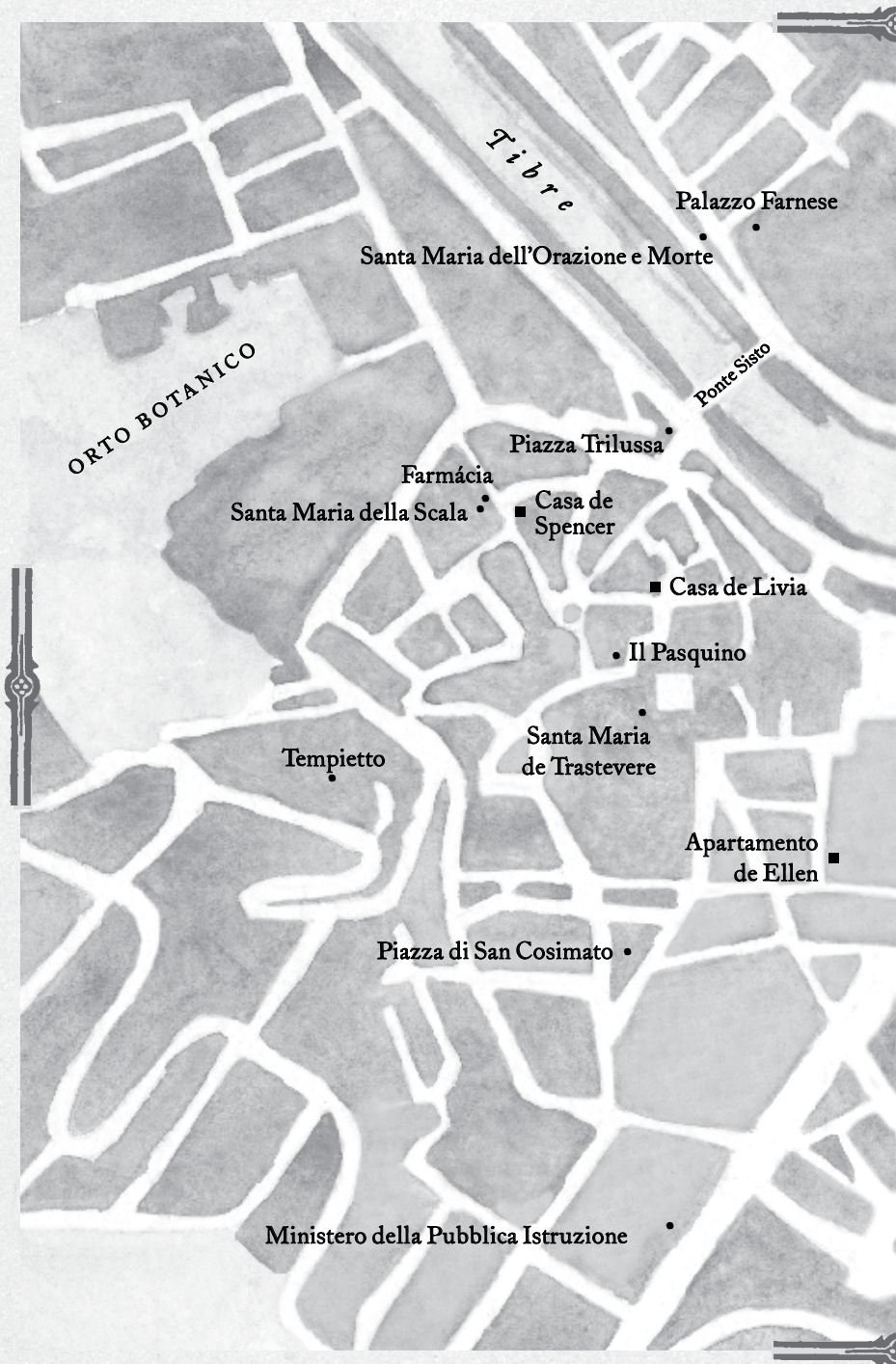
Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.







# *Trastevere*

ILHA TIBERINA

Basílica de Santa Cecília

Santa Maria dell'Orto

• San Francesco a Ripa

*Tibre*

# PRÓLOGO

21 de abril de 1992

Ele não estava preparado.

E nunca poderia ter se preparado. Quando o Fogo começou a queimá-lo por dentro, ele entendeu isso.

Eles já tinham discutido o assunto, bem a fundo e por muito tempo. Era a coisa certa ou errada? Ela o havia alertado, recomendado paciência. Mas ele sabia o que queria, sabia com uma certeza ferrenha e que no entanto também parecia vacilar como uma onda infinita no oceano. Ela queria o mesmo, ele sabia, e sua reserva era uma tentativa de protegê-lo do erro irreparável – se fosse mesmo errado. Não era, ele tinha certeza; pelo contrário, era a escolha que poderia aproximar um do outro com uma intensidade ainda maior que o amor e o vínculo que já partilhavam.

Eles decidiram, e assim que deixaram o *se* para trás, o *quando* e o *onde* tornaram-se simples. Agora, naquele crepúsculo suave da primavera, o céu esmaecendo do violeta ao ônix, como na noite em que ela lhe revelara que aquilo seria possível. Ali, na saleta da antiga casa onde ela morava, uma torre erigida séculos antes naquele local que viu Roma crescer ao redor, que assistiu ao mundo mudar.

No recinto escuro e silencioso, ela não acendeu nenhuma lâmpada, não colocou nenhuma música para tocar. O brilho distante das luzes da rua, os passos na *piazza* lá embaixo eram suficientes, sussurrou. Tomaram vinho, um Barbaresco aveludado, mas agora as taças jaziam esquecidas. Numa toalha de seda azul estendida sobre um elaborado tapete, ela se inclinou sobre ele, os reflexos pálidos de seus longos cabelos pretos cintilando à luz difusa. Eram a prata que complementava o dourado dos cabelos dele, assim como os olhos verdes dela eram o oceano para o céu dele. Ela fez uma pequena pausa, mas não perguntou se ele tinha certeza; esse momento já havia passado. Roçou os lábios nos dele, que de repente foi tomado por uma ânsia de abraçá-la, de pressionar o corpo contra o dela, mas não se moveu. Não conseguia se mover.

Ela segurou a mão dele. Beijou a palma e ele deixou escapar um gemido. Ela roçou os lábios de leve em seu pulso. Outro beijo, outro gemido. Em seguida, uma dor aguda e forte, uma queimadura que percorreu do ombro até as pontas dos dedos. Diminuiu tão rápido quanto começou, até desaparecer. O tempo passou, ele não sabia quanto.

E agora aquilo. Em toda parte, em cada célula – ele jurava que conseguia sentir todas elas, individualmente –, uma calidez, uma radiação generosa e difusa começou, intensificou-se, cresceu. A sensação foi de alegria, júbilo. Enquanto aumentava, ele teve certeza de que estava em chamas, de que seria consumido pelo fogo interior. Não conseguiu evitar: ele riu.

Lentamente, o ardor também esmaeceu. Olhou para ela com uma expressão de surpresa. Ela sorria. Seu hálito, seu sangue, seu perfume de gardênia: ele conhecia aquilo tudo, o sangue dele conhecia aquilo tudo, assim como tinha consciência do gato lambendo a pata na rua de pedras, do suave murmúrio de namorados atravessando a *piazza* de mãos dadas. Um perfume inebriante entrou pela janela aberta: os botões de magnólias, que antes ele não sentia. Em algum lugar ao longe, alguém tocava piano. Ele ouvia o instrumento. E ouvia a distância.

Ele tinha se transformado.



27 de maio de 1849

Querida Margaret,

Escrevo a respeito de um assunto de máxima importância. Por favor, minha amiga, pense muito bem no que vou lhe pedir. Sou culpado, eu sei, de gostar de grandes gestos, e imagino que esteja revirando os olhos ao imaginar mais um melodrama deste seu poetinha; mas estou sendo honesto quando digo que o que está contido aqui, por mais fantástico que possa parecer, é apenas – e essencialmente – a verdade.

Junto com esta carta, envio uma caixinha lacrada. Contém uma cópia que fiz de um documento obtido na Biblioteca do Vaticano. Obtido! Margaret, eu o roubei! Como você sem dúvida deve estar sabendo agora, Pio IX fugiu, refugiando-se da nossa justa causa no Reino das Duas Sicílias. Aqui em Roma, seu covarde desaparecimento tem sido comentado há meses – é assim que o papa defende sua fé? Rá! –, mas não tínhamos certeza até a última Páscoa. Quando a notícia se espalhou, nossos soldados se viram diante da difícil escolha entre sua fúria e o desejo de festejar. O papa covarde chamou os franceses – os franceses! – e fugiu rastejando.

No final, ao me perceber incapaz de dissuadir meus homens da raiva que os consumia, preferi canalizá-la. Levei-os até os portões do Vaticano, pouco mais que uma horda uivante. (Pouco mais; porém, ainda assim, soldados, e sob meu comando. Depois de receber minha patente do general Garibaldi, seu poeta gordo e risonho tornou-se um oficial muito bom, realmente!) Eles teriam arrombado as muralhas em qualquer local, mas eu os conduzi até o portão próximo à biblioteca, embora o propósito de minhas ordens talvez não estivesse aparente.

Espere, posso ouvir sua voz, e você está chocada: “Soldados ensandecidos invadindo aquele repositório de sabedoria? Propriedades papais ou não, as glórias contidas ali são tesouros do mundo! Você, Mario, levou soldados até lá deliberadamente?” Margaret, sua reverência pelo erudito



*causa um sentimento de horror que suplanta o “bravo!” que estaria sem dúvida enunciando por meu feito marcial.*

*Não me julgue, eu lhe suplico. Eu estava em busca de um documento, cuja cópia mando agora, e o encontrei graças ao vandalismo dos meus soldados. Depois disso, ordenei imediatamente que se retirassem, e eles obedeceram. Sim, houve algum prejuízo, e houve saques; era algo inevitável, já que minha intenção era criar um caos para que minha posse desses papéis passasse despercebida.*

*Este documento, querida amiga, vai abalar a Igreja.*

*Conservei o original, e acredite quando digo que fiz de tudo para escondê-lo bem, num local que resistirá a incêndios, inundações e às pilhagens dos franceses. Pretendo e espero poder usá-lo pessoalmente, em um momento ainda a ser escolhido, para obter o máximo efeito.*

*Mas o exército de Luiz Napoleão, liderado pelo fracote Charles Oudinot, continua acampado fora da cidade. Dizem-nos que são imparciais, que vieram para servir de mediadores entre Pio IX e seus súditos – seus súditos, meu Deus! –, mas Oudinot apostou tudo no papado. Não posso dizer que me surpreenda; sua intenção é que Napoleão seja eleito presidente pelo voto livre de seu povo, ele que, de acordo com os rumores, está à beira de se declarar imperador. Imperador, Margaret! Será que ele pretende ser Calígula ou talvez governar Catão?*

*É por isso que estou lhe escrevendo. Provavelmente é só uma questão de tempo até Oudinot agir em nome de Pio IX e sitiar a cidade. Se fizer isso, ele será bem-sucedido. É simples assim. Nosso exército será derrotado. Mas nós não seremos. Este documento, Margaret, será a salvação da causa republicana. De mais do que isso! Irá fazer com que o papa tire a corda do pescoço do povo italiano, do meu povo e de todos os que amam a liberdade em todos os cantos do mundo.*

*Mas saiba uma coisa: assim que o grupo secreto interno da Igreja perceber que o documento desapareceu, fará qualquer coisa para recuperá-lo. Por isso, este seu amigo, embora inflado de confiança, pode em algum momento deixar de existir. Improvável, Margaret – sou um homem difícil de matar –, por isso não tema. Mais crível é a perspectiva de que, apesar de todo o meu planejamento, o documento seja destruído; ou que eu seja impedido de recuperá-lo para usá-lo como tão ansiosamente desejo e pretendo.*

*“Por que não, então, simplesmente dizer onde está o documento, em vez desse artifício de cópias, caixas lacradas e tantos procedimentos tão teatrais?”*, você perguntará, e mesmo que eu não lhe conte onde ele está, preciso dizer quanto estou me divertindo com essa conversa imaginária, ouvindo mais uma vez a sua voz! Não lhe contarei porque, embora esteja despachando este pacote por um mensageiro confiável (e bem pago!), existe a possibilidade de ele ser interceptado e que esta carta seja lida por olhos não pretendidos. (E se você que está lendo isto não for Margaret Fuller: que vergonha, senhor!) Não, o esconderijo do documento original é um segredo só meu. Mas, querida Margaret, como você já vem sendo minha valiosa colaboradora em nossas investigações mútuas em diversos assuntos, da literatura à arte de governar, estou pedindo que o seja mais uma vez. Envio esta cópia do documento lacrado e peço que o mantenha desta maneira. Margaret, não o leia. Garanto que o que se encontra aí é uma história na qual você não conseguirá acreditar. Vai achar que seu bom amigo enlouqueceu, mas asseguro que não estou maluco. Imploro que siga estas instruções rigorosamente. Mantenha esta caixa fechada e sempre perto de você; e não diga a ninguém que a recebeu.

Nos próximos meses, assim que as iminentes batalhas forem travadas e decididas, mandarei notícias. Mas se eu não der sinal de vida em um ano, leve esta caixa a um local seguro e entregue-a ao general Garibaldi, se ele ainda estiver vivo. Ele vai ler o documento e, apesar de sua relutância inicial, se for o homem que sei que é, reconhecerá a verdade e saberá como usá-la. Se ele não estiver vivo, Margaret, você mesma deve publicar o documento. Lembre-se: como seu amigo, garanto que este documento não é fictício e que o acordo que anuncia é irrefutável e real. O outro signatário – meu povo – mantém a posse de seu manuscrito original, assinado e selado, assim como o do Vaticano que eu escondi. Quando sua cópia vier à luz do dia, embora o mundo possa a princípio se recusar a acreditar, meu povo não terá escolha a não ser apresentar sua cópia. Então o papado e a Igreja virão abaixo e uma nova era terá início!

Ah, Margaret, penso em você com frequência e com muito afeto, imaginando-a em seu trabalho intenso, silenciosa em sua leitura, radiante com sua família! Como sinto saudade de você! O brilhantismo de seus argumentos, a paixão de seu debate. Aqui no Exército da República, vivo

*com muito entusiasmo, mas muito pouco, infelizmente, no que se refere a conversas.*

*Spencer, é claro, previu isso, colocando-se contra minha decisão de oferecer meus serviços ao general Garibaldi. Como esperado, ele tem uma visão mais abrangente que a minha do desdobramento da história. Eu mandaria lembranças em nome dele, mas não posso, pois, sob minha insistência, ele partiu de Roma. Minha preocupação não foi tanto em relação aos perigos que ele correria, mas aos objetos de sua coleção. Planejada ou não, a destruição é inevitável na guerra; para que serve, argumentei, um historiador sem relíquias do passado, os próprios objetos que comprovam a história? Então (dentro de uma carreta puxada a bois junto com outro seguidor; como você teria rido!), Spencer partiu para o Piemonte. O resultado de minha eloquência é eu estar numa barraca cheia de goteiras comendo polenta malcozida, enquanto ele toma conhaque numa aprazível aldeia no norte.*

*Ah, mas como estou divagando! Seu poeta é um soldado disposto, e até mesmo ávido, mas solitário, e parece que tão tagarela quanto na vida civil.*

*Seu elegante Giovanni faz uma grande presença em Riete, estou certo; por favor, mande-lhe minhas recomendações. E ao pequeno Nino, que sem dúvida deve estar crescendo. Espero ansioso o dia em que, numa Itália livre e unida, estejamos todos juntos mais uma vez!*

*Até esse dia, Margaret, por favor: pela nossa amizade, prometa-me, embora eu não esteja aí para ouvir, que fará fielmente o que lhe pedi.*

*Até o nosso reencontro, querida amiga.*

*Com afeto,  
Mario Damiani*



*5 de julho de 1850*

Elas não rugiram. As chamas. Não rugiram, e ao impulsionar suas pernas grossas o mais forte que conseguia, escorregando e cambaleando nas pedras ásperas da Via della Madonna dell’Orto, em meio ao tumulto de gritos, carroças e o pungente aroma do medo, Mario Damiani ria. Será que o poeta celebrado, renomado por seu amor ao real e ao concreto, a fatos físicos e verdades sensoriais, estava surpreso ao encontrar um falso clichê? A experiência de Damiani com fogo era, naturalmente, limitada, mas não inexistente por completo. Labaredas engaioladas tinham aquecido as casas em que morara e cozinham suas refeições, iluminaram lampiões a gás e acenderam charutos de outros homens. Mas nenhuma rugia. As labaredas das quais ele e todos ao redor agora corriam para escapar eram grandiosas e selvagens, mas ainda estavam distantes – embora uma bola de canhão errante da posição francesa em Gianicolo e outras mais sem dúvida fossem irromper a qualquer momento. Essas labaredas escarneciam, chiavam, sussurravam, anunciando a destruição insana de locais que ele adorava. Partiam seu coração, mas não rugiam, e ele ria ao perceber quão tolo fora.

Mas não totalmente tolo. Uma curva fechada, mais um minuto acotovelando-se pela multidão frenética e de repente surgiram diante dele os portões que levavam à fachada escura e ativa da Basílica de Santa Cecília. Cecília, santa padroeira dos poetas. “Muito apropriado”, pensou Damiani, “é que maravilhoso capricho do destino.” Sua escolha do lugar, assim como dos outros que tinha visitado apressadamente naquela noite, foi ditada pelos acontecimentos: todas eram igrejas no trajeto de sua casa até o rio, e seu livreto de poemas elegíacos já tinha uma página celebrando cada uma delas. Damiani abriu o portão do jardim com um rangido, fechou-o às suas costas e parou, ofegante. O suor escorria de sua testa. Enxugou-o com a manga, sorrindo ao imaginar quão horrorizado Spencer ficaria com aquele gesto. Damiani, depois de um ano como rude soldado, teria de reaprender



as normas cavalheirescas ao chegar ao norte. Quando sua respiração normalizou, ele se esgueirou pelo quintal, mantendo-se nas zonas escuras.

Era o último lugar a que ele ia naquela noite. Já tinha rasgado poemas de seu livreto e ocultado as páginas seis vezes. No rodapé de cinco delas, tinha escrito cinco letras em maiúsculas com uma indicação do artista – uma medida não muito elegante porém eficiente, afinal eram tempos de guerra – e as escondido onde estariam seguras por quanto tempo fosse necessário. Ali, em Santa Cecília, tinha feito algo diferente. A página que deixara ali não continha um poema, mas apenas as últimas cinco letras de fôrma, as peças finais do quebra-cabeça.

Abriu a pesada porta da basílica e entrou. Os gritos e alaridos de pânico se calaram, substituídos pelo murmúrio paciente de pedras antigas e desgastadas. Vestígios de incenso pairavam no ar frio, mal discerníveis para a maioria, talvez, mas sussurrando a Damiani reminiscências de caravanas no deserto e exóticas cidades do Oriente. Nos últimos tempos, Spencer tinha demonstrado o desejo de viajar, conhecer terras e belezas longínquas. Damiani sempre afirmara que Roma bastava para satisfazer a alma de qualquer homem, mas agora, pela primeira vez, levava em consideração os anseios de Spencer. Sim, decidiu: assim que se encontrassem, os dois viajariam para contemplar milagres e maravilhas. Talvez Spencer, apesar de sempre ter zombado da ideia de conhecer o jovem país do oeste, pudesse ser persuadido a uma viagem para a América, para ver cidades efervescentes e cheias de vigor.

Damiani abanou a cabeça e sorriu. “Ótimo, Mario. Uma travessia do Atlântico. Não seria melhor você se localizar primeiro em Roma?”

Três velas votivas, provas da preocupação de alguém com a vida *após* a morte mesmo quando os soldados de Napoleão acabavam com as vidas *antes* da morte, propiciavam a única iluminação da basílica. Não tinha importância – Damiani enxergava bem no escuro e já passara incontáveis horas naquele lugar. Andou em passos rápidos até o corredor central, ajoelhou-se e fez o sinal da cruz. Era um velho hábito, que percebeu não conseguir abandonar. Spencer o acusava de na verdade não querer se livrar daquele costume, de realmente gostar da natureza atávica do gesto. Bem, talvez.

Levantou-se e pulou a mureta do altar.

Do outro lado, ajoelhou-se mais uma vez. Diante dele estava a estátua delicada e de tirar o fôlego de Santa Cecília, de Stefano Maderno, com a cabeça estranhamente virada para o lado, sem olhar para aqueles que a contemplavam. O machado do carrasco descera três vezes sobre Cecília, mas seu pescoço não fora decepado e ela continuou viva por mais três dias. Uma coisa linda e terrível para um escultor, tornada ainda mais terrível, e mais extraordinária, pelo modelo usado por Maderno: os restos mortais da própria santa, intactos quando desenterrados duzentos anos após sua morte.

Terrível, extraordinário e, para os noantri, o povo de Damiani, uma particular e secreta fonte de perplexidade.

Para Damiani, o fato de sua busca terminar ali, na obra pequena e singela que ele mais amava entre todas as obras gloriosas de Roma, tinha um gosto agri-doce. Tirou a página de seu livreto, uma folha em branco a não ser pelas cinco letras. Dobrou o papel e, depois de uma breve pausa, enfiou-o num vão na base da estátua. Depois estendeu a mão e passou o dedo por uma linha fina no pescoço dela, por onde a vida da santa deveria ter se esvaído, mas não se esvaiu. Então se levantou, fez o sinal da cruz mais uma vez (ouvindo, em sua mente, o suspiro de Spencer) e, após relancear ao redor (mesmo no escuro, ele reconhecia os anjos, os santos), voltou ao corredor central.

Ao abrir a porta da igreja com um rangido, Damiani hesitou diante da algazarra nas ruas invadidas rompendo o silêncio. Atravessou o pátio, respirou fundo e saiu pelo portão. Ali, como antes, pessoas se aglomeravam, carretas passavam carregadas, cavalos e jumentos eram montados ou puxados com desespero. Damiani riu mais uma vez, ouvindo a voz sarcástica de Spencer dentro de sua cabeça. “Francamente, Mario. Esse drama todo é mesmo necessário? Pistas escondidas, uma caçada ao tesouro... parece uma grande chatice.”

“Ah, Spencer”, pensou Damiani, correndo pela rua de pedras antigas (será que ouviu o resfolegar de cavalos de batalha, o passo apressado de soldados?). “Ah, sim, uma grande chatice. Mas quando você encontrar o tesouro, quando estiver com o documento nas mãos, vai entender a razão.” O tempestuoso e inquieto Damiani, que nunca planejava nada além do verso seguinte de um poema, tinha escondido o documento um ano

antes. Primeiro fizera uma cópia e mandara para fora de Roma. Agora, naquela noite, tinha deixado um bilhete no estúdio de Spencer, no povoado deserto: “Leia o seu poema.” Era uma instrução que soaria enigmática para qualquer um menos Spencer, e com isso ele estava propondo conduzir seu amante, um historiador, numa alegre dança. Tudo isso, por si só, deveria convencer qualquer um da seriedade de suas intenções.

Só que, claro, Spencer ria dele de qualquer forma, quando estivessem tomando um conhaque no Piemonte. Nenhuma das medidas que Damiani havia providenciado para proteger o documento teria a menor importância exceto no caso de sua morte. Agora ele se apressava para tornar todas essas medidas inúteis, pois não pretendia morrer.

Virou à esquerda na Via di Santa Cecilia, em direção à Via dei Genovesi, ao rio, a seu barco escondido e, se sua bolsa de ouro tivesse sido útil, a seu barqueiro escondido. Chegaria ao cais bem antes do horário combinado. E se o barqueiro tivesse sido tomado pelo medo e fugido? Mario conduziria o barco sozinho. E se o barco não estivesse lá? Ele pularia no Tigre e nadaria até chegar a uma praia livre dos franceses. Percorreria o caminho até o Piemonte, entraria triunfante no povoado, beberia o excelente vinho que Spencer sem dúvida levaria quando se encontrassem e continuaria escrevendo poemas até o momento chegar. Depois voltaria para recolher seu tesouro escondido e o mundo mudaria.

Seguiu atrás do tumulto, os ouvidos tão repletos de gritos e do ruído de sua própria respiração ofegante que ele só ouviu o barulho dos cascos quando os cavalos entraram na Via di Santa Cecilia, praticamente em cima dele.

Damiani escondeu-se à sombra de uma janela. O pânico na rua aumentou, embora a maioria das pessoas não tivesse nada a temer dos franceses. Nada de imediato, de qualquer forma. Com Damiani era diferente. Ainda usava a calça e a camisa áspera de algodão do exército de Garibaldi, embora tivesse sido prudente e jogado fora a casaca de oficial que ostentava com tanto orgulho um ano antes. O próprio general, ao ver Roma perdida, tinha sabiamente negociado uma trégua e retirado suas tropas para o norte. Como os planos de Oudinot de entregar Garibaldi nas mãos do papa com os cumprimentos de Luiz Napoleão foram frustrados, suas tropas agora perseguiam os soldados que continuavam em Roma – homens como Mario Damiani.

Estavam em seu encalço, e o haviam encontrado. Aos gritos, o líder da cavalaria puxou as rédeas de sua montaria com tanta força que o animal empinou, e então arremeteu com o sabre em riste.

Um instante para decidir: esquerda? Direita? Damiani tinha assegurado a uma amiga, certa vez, que era um homem difícil de matar, e era mesmo. Mas ser capturado seria mais fácil, especialmente agora, preso entre toneladas de pedra e um monte de cavalos. À sua direita, na Via dei Genovesi, estava o rio, tão perto que ele conseguia sentir o cheiro dos canais de pedra úmida. Porém, a rua era larga e possibilitava o tráfego de montarias. Mesmo se conseguisse correr, um poeta gordo não venceria o galope dos cavalos. Na parede escura à sua esquerda, viu uma nesga de escuridão mais profunda: a passagem para uma viela. Seria mais útil se a viela desembocasse em outra rua, o que Damiani, que conhecia cada centímetro público de Trastevere (e muitos centímetros particulares também), sabia que não acontecia. De qualquer forma, os cavalos não conseguiriam segui-lo. Se os homens desmontassem e o perseguissem a pé, talvez as sombras da minúscula *piazza* o protegessem até eles desistirem, julgando que o fugitivo tivesse entrado por alguma porta e escapado. Lutar contra soldados a pé, se chegasse a tanto, ainda seria preferível a lutar contra cavalos. Damiani disparou da parede em que estava encostado.

No mesmo instante, alguns soldados viraram os cavalos e partiram atrás dele. Damiani agachou-se atrás da fonte absurdamente tilintante da *piazza*. O capitão francês mandou um homem na direção dele, cercando-o à esquerda, e dois outros para a direita. Os outros quatro voltaram à entrada da viela, em pares. Um componente de cada dupla forçava as portas enquanto o outro vigiava a escuridão. Aqueles homens podiam ser janotas franceses, mas não eram tolos, e estavam fechando o cerco. Mas eram poucos. Damiani tinha sido abençoado com uma força tremenda, assim como seu povo, e não seria impossível que conseguisse vencer quatro franceses. Mas e depois? Voltaria para a rua, onde o restante das tropas esperava? Correria por baixo da barriga dos cavalos para escapar?

Mas isso era uma questão para depois, pensou, quando o primeiro a avistá-lo gritou.

Eles avançaram; Damiani saltou da fonte na direção de uma porta recuada. “Deixe que entrem atrás de mim. Deixe que venham.”



E eles entraram. Primeiro o capitão, um privilégio da patente. Esquivando-se do braço que empunhava o sabre, Damiani arremeteu seu ombro contra o homem, empurrando-o na direção do soldado que o seguia. Por um momento, todos ficaram imóveis. Qualquer plano que tivessem para atacá-lo um a um, como cavaleiros, foi abandonado assim que perceberam sua força; e ele tinha feito o capitão de bobo. Os quatro atacaram numa confusão de gritos e espadas. Damiani sentiu a ferroadada de uma lâmina no pulso, depois um corte ardente na coxa. Uma dor insignificante, mas uma distração no momento, como qualquer dor. Dois soldados o atacaram, fazendo-o perder a respiração e jogando-o no chão. Damiani forçou a mão embaixo do queixo suado de um deles e não parou de empurrar até o homem enfim sair de cima de seu corpo, mas o outro ainda estava em ação, e mais dois também se juntaram a ele. A cabeça de Damiani zumbiu. Ele respirou fundo, soltou um rugido e com um impulso dos braços conseguiu se erguer. Quando ficou em pé, jogou um homem contra a parede e desferiu um murro direto no bigode francês fino de outro. Mas eles continuaram avançando, punhos e sabres cortando o ar noturno.

“Mario”, pensou Damiani, “isso pode não dar tão certo como você esperava.” Esquivou-se de uma lâmina que lascou o batente da porta na altura exata de sua cabeça, enquanto retorcia o braço para se livrar de uma mão que agarrava seu pulso. Mas não conseguiu se soltar. O homem que o segurava era tão forte quanto ele e puxou-o para a esquerda e depois para trás. Damiani lutou para não ser jogado contra a parede. Em vez disso, caiu de costas na escuridão. Uma voz urgente sussurrou “Entre aqui!” e assim que ele obedeceu a porta foi fechada, deixando os franceses furiosos do lado de fora, esmurrando a madeira. Damiani saiu correndo por uma passagem escura atrás de uma sombra, sendo seguido, por sua vez, por outra sombra alta.

As pancadas e os gritos de raiva diminuíram quando ele e seus salvadores – sua própria gente, agora sabia – saíram em outra ruela. Uma trombeta soou, a patrulha francesa dando o alarme.

– Eles vão estar em toda parte agora – disse o homem atrás de Damiani, uma voz calma e profunda que o fugitivo reconheceu e ao mesmo tempo surpreendeu-se ao ouvir. – Não podemos nos arriscar nas ruas. Filippo, a porta. À frente, à sua esquerda.

A fechadura não cedia, mas Filippo – Filippo Croce, provavelmente, secretário pessoal do outro homem – jogou-se de ombro contra ela duas vezes. A madeira guinchou enquanto rachava. Um prego caiu tinindo na calçada. A porta se abriu, reclamando, e os três entraram.

A iluminação no ambiente era fraca, mas o aroma era inconfundível. Antes de Filippo acender uma tocha, Damiani, agachado com as mãos no joelho tentando recuperar o fôlego, soube que tinham entrado em um estábulo. Sombras dançantes mostraram que estava certo. O cheiro de estrume e feno dominava o ar, mas o local estava silencioso: os cavalos estavam todos no norte, montados pelas tropas de Garibaldi.

– Obrigado – arquejou Damiani, ainda dobrado. Esfregou o ferimento na perna, dolorido, mas não tão fundo quanto pensara. – Como vocês me encontraram? Ou será que tenho uma sorte inacreditável?

O homem mais alto balançou a cabeça. Em sua voz lenta e profunda, respondeu:

– Nós estávamos procurando você, Mario. Preciso dizer por quê?

O susto fez o coração de Damiani acelerar. O calor tomou sua pele e ele se aprumou lentamente. Depois de um momento, respondeu:

– Não, senhor.

– Então me diga onde escondeu o documento.

Mais um instante; outra respiração. Numa voz ao mesmo tempo trêmula e firme, Damiani repetiu:

– Não, senhor.

– Mario. – O homem de feições difusas balançou a cabeça mais uma vez. – Eu entendo a sua causa. Sei que acha que não, mas entendo. Não é o momento. O momento há de chegar, mas ainda não é agora.

– Senhor. – Damiani firmou a voz. – Meu senhor, o tempo não vai “chegar”. Em todos esses anos ainda não chegou. *Nós* temos que fazer com que chegue.

– Não podemos. Para tudo existe uma razão.

Damiani piscou.

– O senhor vai citar a Escritura para mim? Sobre esse assunto?

– Por que não? Sua briga, pelo que sei, é com o papado, não com a Igreja.

– Se ao menos o papado permitisse essa distinção!

Os três ficaram paralisados quando passos apressados e o tinir de espadas na rua informaram que os franceses estavam por perto.

O homem mais alto falou:

– Não temos tempo para discutir isso agora. Você precisa me dar a cópia da Concordata que roubou da Igreja. Vai entender a razão quando tiver chegado ao ponto da vida em que eu cheguei.

– É exatamente isso que o torna cego à oportunidade criada por este momento! O mundo mudou. E vai continuar mudando. A razão e o pensamento científico estão em posição de vantagem. Não precisamos mais da Igreja!

– Você está enganado, Mario. – Ele assentiu levemente com a cabeça para Filippo.

Damiani percebeu, mas não a tempo. Os dois se atiraram contra ele ao mesmo tempo; embora fosse forte, os outros eram mais. Damiani chutou e empurrou, mas ouviu um estalido, sentiu uma constrição, percebeu que seus braços e o peito estavam presos a ferros. Filippo enrolou e amarrou bem a corrente num poste. Imobilizado, Damiani ficou deitado de costas no feno, olhando para os outros.

– Filippo – disse o homem alto. – Deixe-nos a sós.

– Mas, senhor...

– Saia!

Depois de um instante, Filippo fez uma reverência e saiu.

Damiani puxou as correntes, sentindo-as machucarem seus braços. Talvez conseguisse rompê-las ou arrancar a estaca, mas levaria tempo.

– Mario, me conte.

As palavras foram pronunciadas com delicadeza.

Damiani não disse nada.

– Isso é inútil, Mario. O exército de Garibaldi foi derrotado e o papa continua no poder. Os noantri precisam manter a paz com o papado e a Igreja.

– Paz! – repetiu Damiani amargamente. – Isso não é paz. É servidão! Nós esperamos, e esperamos, nos escondendo, fingindo e dissimulando. Você sabe como é a nossa vida! Mas não precisa ser assim! Quando o acor-do vier à luz, quando a Igreja cair...

– *Não é o momento!* Se a Igreja cair, nós também cairemos. A vida que você teve... o povoado, sua poesia, sua fama... você é um poeta maravilhoso, Mario. Um grande talento.

Damiani olhou para ele impassível, ignorando o elogio, e o outro homem suspirou antes de prosseguir:

– Esse acordo que você tanto despreza é o que permite isso tudo. Você não sabe como era antes. – Fez uma pausa. – Você tem sido impaciente e impetuoso desde o dia em que se juntou a nós. Eu não deveria ter permitido.

– Não, eu não conheci aquela época – retrucou Damiani. – Mas eram outros tempos. Você está vivendo no passado. Eu estou olhando para o futuro.

– O futuro. – A voz do homem ganhou uma nova entonação, mais triste. – Você não entende? Se não me entregar o documento roubado, eu não posso deixá-lo vivo.

O sangue de Damiani gelou.

– Não é algo que eu queira fazer – continuou o outro. – Receio que vá me atormentar para sempre. Mas minha responsabilidade é com o nosso povo. Se você continuar vivo, vai acabar expondo e divulgando esse documento, embora possa levar anos. Estou enganado?

Lentamente, Damiani negou com a cabeça.

– Então, se você não o devolver para mim, não poderá continuar vivo.

– Senhor. – A voz de Damiani saiu fraca. Tentou soar mais convicto:

– Não faça isso, eu imploro. – Encarando o olhar firme e silencioso do outro, ele prosseguiu: – De qualquer maneira, será inútil. Eu fiz uma cópia. Entreguei-a a um amigo.

Os olhos escuros se fixaram nele.

– Não, você não fez isso.

– Fiz. Com instruções para publicá-la no caso de eu morrer.

– Entregou a quem? – Ele franziu a testa em uma expressão contemplativa. – Não Spencer George, suponho. Ele está escondido no norte há algum tempo. E não aprovaria as suas ações, imagino, se as conhecesse.

– Não, não aprovaria. Como historiador, a visão dele é de longo prazo.

Damiani disse isso com calma. Esperava estar enganado, mas, para o bem de Spencer, torcia para estar sendo convincente.

– Se é verdade que você fez uma cópia, terá colocado um amigo em perigo. Não somos apenas nós que estamos nessa busca. Você achou que o Vaticano não descobriria o seu roubo, não iria atrás do que perdeu?

– Na verdade, senhor, achei que só eles fariam isso. Não pensei que deveria temer meu próprio povo.

Pareceu que um pensamento passou pela cabeça do homem. Numa voz que refletia tanto admiração quanto desapontamento, ele perguntou:



– Foi por isso que você se juntou ao exército de Garibaldi? Com a única intenção de se colocar em posição de invadir os Arquivos do Vaticano?

Mesmo deitado e preso, ele teve de rir.

– O senhor subestima muito minha astúcia. Eu nunca entendi o que poderia acontecer até me encontrar pessoalmente com minhas tropas nos portões do Vaticano. Não, meu senhor. Eu me alistei no Exército da República para unificar a Itália e eliminar o jugo papal, não só sobre nosso povo, mas sobre todos os povos.

– Ah, Mario, você ri. Foi essa risada, esse entusiasmo, sua alegria ilimitada de viver que me convenceu de que poderia ser um de nós. Por favor, continue sendo um de nós. Me conte onde está o documento. Permita-me libertá-lo e tudo será como antes.

Damiani respirou fundo. Sentiu o cheiro do feno sobre o qual estava deitado, viu sombras bruxuleando nas paredes. Respirou mais uma vez e falou:

– Não.

– Nós vamos encontrá-lo, Mario. Vamos achar o seu amigo. O que você está fazendo é um grande gesto, mas será em vão. – Depois de um longo tempo em silêncio, o homem assentiu com a cabeça. – Muito bem, então. Eu sinto muito. Muito mesmo.

Virou-se e andou até o fundo do estábulo. Uma grande onda de medo tomou conta de Damiani e foi afastada quase de imediato, para sua surpresa, por um pensamento: “Todos os homens morrem. No fim das contas, você é um homem, Mario, como era no início.” Essa percepção o acalmou. Então, outro pensamento quase o fez sorrir. Margaret iria conseguir. A morte de Mario Damiani significaria alguma coisa, mais até do que sua vida. Margaret Fuller, rica e muito conhecida, famosa por sua determinação e diligência, fora do alcance até do papa e dos noantri, propiciaria a libertação de seu povo e a destruição da Igreja. “Está nas suas mãos agora, minha amiga. Sei que não vai falhar.” Damiani pensava sobre isso quando o homem voltou, trazendo um martelo de ferreiro.

– Mario?

Ficou esperando, mas Damiani não respondeu.

Então, o homem finalmente preencheu o silêncio:

– Eu entendo. Ao menos não vou fazer você sofrer. – Ergueu o martelo até acima da cabeça e o desceu com toda a força. A dor queimou o crânio

de Damiani, que foi envolvido pela escuridão. Através dela, viu o homem pegar a tocha da parede e jogá-la no feno. Quando o mundo começou a desaparecer, Damiani teve de rir uma última vez. As chamas, quando avançam para nos devorar, de fato rugem.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)